



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**GEOVANA FERREIRA DE ANDRADE ALVES**

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA DOIS IRMÃOS  
À LUZ DA TEORIA WINNICOTTIANA**

Brasília  
2017

**GEOVANA FERREIRA DE ANDRADE ALVES**

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA DOIS IRMÃOS  
À LUZ DA TEORIA WINNICOTTIANA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em ...

Orientador: Prof. Dr. / Prof. MSc.

Brasília  
2017

**GEOVANA FERREIRA DE ANDRADE ALVES**

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA DOIS IRMÃOS  
À LUZ DA TEORIA WINNICOTTIANA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Livia Milhomem Januário.

Brasília, 16 de agosto de 2017.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dione Zavaroni

---

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

**Dedico este trabalho a minha sobrinha Marina, que é para mim fonte de descobertas e de motivação para a busca do conhecimento psicanalítico.**

## **AGRADECIMENTO(S)**

Agradeço aos integrantes da 16ª Turma do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Uniceub, cujo carinho e atenção alimentaram ainda mais o meu interesse pela psicanálise.

O primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe: a sua expressão, o seu olhar, a sua voz. [...] É como se o bebê pensasse: olho e sou visto, logo, existo.

Donald Winnicott

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum (2000), analisando as relações entre os membros da família e o desenvolvimento psíquico dos personagens à luz das ideias e dos conceitos winnicottianos. A escolha de estudar esse tema decorre da importância da constituição psíquica do indivíduo para sua formação, desenvolvimento e saúde mental. A sustentação teórica recai sobre o trabalho de Donald Winnicott, em decorrência de que a obra desse psicanalista se alicerçou sobre o desenvolvimento emocional primitivo do sujeito, isto é, a clínica de Winnicott teve, por finalidade, a compreensão da constituição e do desenvolvimento psíquico do indivíduo na relação com o outro, ao longo do seu processo maturacional, e grande destaque é dado à maternagem. Quando a maternagem é suficientemente boa, há o surgimento de indivíduos inteiros na vida adulta, contudo, quando ela falha, o ser fica prejudicado de viver de forma criativa e integrada. Ainda, para melhor compreensão da teoria winnicottiana, são feitas reflexões sobre a obra literária *Dois Irmãos*. Para tanto, a monografia, inicialmente, aborda a contribuição de Winnicott para o entendimento do desenvolvimento emocional primitivo, bem como a importância da relação mãe-bebê, a seguir, há um resumo da obra *Dois Irmãos*, destacando-se a trajetória de vida dos principais personagens, com quem, ao final, é feito o entrelaçamento da teoria winnicottiana. A análise da obra *Dois Irmãos* viabiliza demonstrar a importância da mãe suficientemente boa para constituição psíquica do indivíduo, bem como, que as funções maternas podem ser exercidas por pessoa diferente da mãe biológica.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento emocional primitivo. Relação mãe-bebê. Saúde-mental.

## ABSTRACT

The aim of this work is to reflect about the book *Dois Irmãos*, written by Milton Hatoum (2000), analysing the relations between family members and the characters's psychic development in the light of winnicottians concepts and ideas. The choice of studying this topic comes from the importance of individual's psychic constitution to formation, development and mental health. This job is supported by Donald Winnicott's theory, because it is based on human's primitive emotional development, in other words, the clinic of the psychoanalyst intended to know the psychic constitution and development individual in the relationship with others, during the maturation process, and the maternal care had been emphasized. With a good-enough mother, the baby succeeds in adulthood, however, with a not good-enough mother, the opposite occurs, and he will not live in a creative and integrated way. Furthermore, to understand better the theory, reflections will be made about a book named "*Dois Irmãos*". Firstly, the monograph will focus on the Winnicott contribution for the understanding of the primitive emotional development, as well as the importance of the infant-mother relationship; below, there will be a summary of "*Dois Irmãos*", highlighting the life path of the main characters, with whom, in the end, the connection of the winnicottian theory will be made. The analysis of the book "*Dois irmãos*" facilitates the demonstration of the good-enough mother's importance for the individual's psychic constitution as well as the maternal role can be exercised by a different person of the biological mother.

**Key words:** Primitive emotional development. Infant-mother relationship. Mental health.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>1 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA SEGUNDO WINNICOTT</b>	12
1.1 O infantil e a infância	12
1.2 O psicanalista Winnicott	13
1.3 O desenvolvimento emocional primitivo em Winnicott	16
1.4 As funções maternas	20
1.4.1 <i>Quando as funções maternas não são satisfatoriamente exercidas</i>	22
1.4.2 <i>O pai e as funções maternas</i>	23
1.5 A transicionalidade e o brincar em Winnicott	24
1.6 O verdadeiro e o falso <i>self</i>	26
1.7 A delinquência e a tendência antissocial	28
1.8 O funcionamento psicótico	31
<b>2 A OBRA LITERÁRIA DOIS IRMÃOS</b>	33
2.1 Yaqub	33
2.2 Omar	34
2.3 Rânia	36
2.4 Zana	36
2.5 Halim	37
2.6 Domingas	38
<b>3 ENTRELAÇAMENTO DA TEORIA COM OS PERSONAGENS</b>	39
3.1 Reflexões sobre personagens literários	39
3.2 Zana foi uma mãe suficientemente boa?	40
3.3 Halim exerceu a função paterna adequadamente?	41
3.4 Qual a função exercida por Domingas na família?	42
3.5 Qual a situação do amadurecimento emocional de Omar?	42
3.6 Qual a situação do amadurecimento emocional de Yaqub?	45
3.7 Qual a situação do amadurecimento emocional de Rânia?	46
<b>CONCLUSÃO</b>	47
<b>REFERÊNCIAS</b>	49

## INTRODUÇÃO

A compreensão do outro sempre foi, para mim, uma atitude familiar. Já, na minha infância, refletia sobre as razões que estavam por trás do que motivava as ações e os sentimentos das pessoas ao meu redor.

A leitura sempre foi muito estimulada por meus pais, sendo, para mim, desde cedo, importante fonte de conhecimento, além disso, através dela, conheci um pouco de Freud. Teria sido até natural que, ao fazer o vestibular, eu tivesse optado pela realização do curso de Psicologia, mas não foi esse o caminho tomado. Na época, morava na cidade de Caruaru, interior do estado de Pernambuco, e lá ainda não existia faculdade de Psicologia, ademais, naquele tempo, também não era comum, no meu meio, a existência do profissional de Psicologia. A propósito, só aos 16 anos, quando cursava o 2º ano do segundo grau, conheci uma psicóloga, que tinha o nome de Neide, trabalhava na secretária do colégio onde eu estudava e atuava na manutenção do bom comportamento dos alunos.

Diante do cenário da época, o curso de Direito pareceu ser mais natural, e foi isso o que ocorreu. Nesse período, provavelmente, por falta de um conhecimento mais consistente e organizado, não avancei na leitura de Freud. Tentei ler alguns textos de Lacan, mas confesso que não tive muito êxito. Um dia, passeando em uma livraria, encontrei um livro que tinha o título: Tudo começa em casa. Então, por meio dessa leitura, conheci seu autor: Donald Winnicott.

Os anos passaram, terminei o curso de Direito, fiz especialização em direito trabalhista, passei em um concurso público e vim morar em Brasília/DF. Então, encontrei-me um pouco insatisfeita com o rumo profissional que tomei. Para modificação da insatisfação sentida, a realização de uma formação em Psicologia, junta-

mente com a Psicanálise, passou a fazer sentido. Conversando com um amigo sobre a possibilidade da realização de uma nova formação, ele falou que estava aberta a inscrição para a realização da especialização em Teoria Psicanalítica no Uniceub. Com isso, fiz a minha inscrição no curso, abrindo, assim, um novo capítulo na minha história.

Além de novas amizades, a participação na especialização em Teoria Psicanalítica tem sido a oportunidade para muitas constatações intelectuais e emocionais. Durante esse processo de redescobrimto da Psicologia e da Psicanálise na minha vida, nasceu a minha sobrinha Marina. Ela, sem dúvida, é fonte de inspiração para a busca da compreensão da formação do psiquismo do sujeito.

Mas que pena! É chegada a última missão do curso: fazer o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para a escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso, lembrei da leitura de Donald Winnicott feita anos atrás, a qual me impactou por sua simplicidade de articular as palavras, além do eco pessoal do sentido de suas ideias. Mas como articular a teoria com a prática psicanalítica, tendo, em vista, a impossibilidade de clinicar desta aluna, por não ter a formação em Psicologia? Com isso, suscitei a possibilidade de utilizar a análise de uma obra literária, no caso, Dois Irmãos de Milton Hatoum (2000).

A obra literária Dois Irmãos de Milton Hatoum (2000) está estruturada em temas universais e atemporais: desejo, ciúme e inveja. Nesse cenário, a superproteção materna por um dos filhos e a ausência paterna parecem motivar a conturbada trajetória dos gêmeos Omar e Yaqub.

Assim, a leitura psicanalítica da obra surge como possibilidade de transitar por um universo de relações pertinentes à constituição e ao desenvolvimento do sujeito, também permitindo a compreensão de alguns conceitos de Winnicott, como a mãe suficientemente boa.

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre a obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum (2000) utilizando como base a teoria de Winnicott, analisando as relações entre os membros da família e o desenvolvimento psíquico dos personagens à luz das ideias e dos conceitos winnicottianos.

Para concretização desse intento, há o diálogo com o conceito de mãe suficientemente boa de Winnicott, a análise de aspectos da construção da relação entre mãe e filho, a verificação de características do desempenho da função materna na obra *Dois Irmãos* e a análise da função materna para o amadurecimento psíquico dos personagens Omar e Yaqub, da mesma obra.

Para alcançar esses objetivos, procedeu-se a realização de revisão bibliográfica da teoria winnicottiana, a leitura e a interpretação da obra literária “*Dois Irmãos*” e o entrelaçamento da teoria winnicottiana com o conteúdo da obra.

O presente trabalho foi, então, estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a teoria do desenvolvimento emocional primitivo do indivíduo em Winnicott. O segundo capítulo trata da trajetória de vida dos principais personagens contidos na obra literária *Dois Irmãos*, e o terceiro capítulo contempla o entrelaçamento da teoria winnicottiana com a trajetória de vida dos principais personagens. Por fim, há a apresentação de conclusões do trabalho monográfico realizado.

## 1 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA SEGUNDO WINNICOTT

### 1.1 O infantil e a infância

Primeiramente, para compreensão do tema, faz-se necessário fazer a distinção entre infantil e infância no contexto da psicanálise. Vamos buscar no artigo “A constituição do infantil na obra de Freud” (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007) importante contribuição para entendimento da constituição psíquica do bebê. A partir do artigo e considerando o campo da psicanálise, infância e infantil estão remetidos a estruturas conceituais diversas. Enquanto a infância refere-se a um tempo da realidade histórica, o infantil é atemporal e está relacionado a conceitos como pulsão, recalque e inconsciente. O infantil também se refere às sensações que ficaram gravadas no psiquismo, nos primórdios da constituição psíquica. Os sons, os cheiros, as sensações táteis compõem os traços mnêmicos primordiais e estendem-se para além deles.

Abrindo um parêntese, para melhor entendimento do exposto, Laplanche e Pontalis (2001, p. 512) traz a seguinte definição de traço mnêmico:

É uma expressão utilizada por Freud ao longo de toda a sua obra para designar a forma como os acontecimentos se inscrevem na memória, sendo depositados em diversos sistemas, subsistindo de forma permanente, mas que só são reativados depois de investidos psiquicamente.

O infantil, além de ter caráter determinante na constituição psíquica, é também o mais antigo, precoce e remete a um período que é, ao mesmo tempo, esquecido e determinante; o processo de constituição psíquica é o momento de maior capacidade de receber e de reproduzir impressões, que, esquecidas, deixam

os mais profundos traços em nossas mentes, e que são tomados a eles mesmos como traumáticos e constituintes, e podem ter efeito determinante.

Resumidamente, o artigo destaca ainda que, em “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900 – 1901/1996) consolida a sua compreensão sobre o lugar da infância na constituição do psiquismo, e, mediante o entendimento do psiquismo, em seus momentos iniciais, ele estabelecerá o paradigma que sustentará suas elaborações futuras, de modo que o infantil, através da associação livre, ocupará o centro do trabalho da psicanálise freudiana. Depreendemos, então, já em Freud, a importância da fase inicial de todo o indivíduo para a sua constituição psíquica.

No campo da psicanálise para compreensão da constituição psíquica do indivíduo, vamos encontrar, no trabalho de Donald Winnicott, significativas contribuições.

## **1.2 O psicanalista Winnicott**

Donald Woods Winnicott nasceu em 07 de abril de 1897 e faleceu em 25 de janeiro de 1971, ambos acontecimentos transcorridos na cidade de Plymouth, na Inglaterra. Ele foi médico pediatra e psicanalista, formando-se em Medicina, em 1920; além disso, iniciou o estudo da psicanálise em 1927, quando foi aceito como iniciante na Sociedade Britânica de Psicanálise, sendo qualificado como analista em 1934 e como analista de crianças em 1935.

O atendimento de crianças com transtornos mentais em sua clínica lhe forneceu a experiência necessária à elaboração da maioria de suas teorias, e o convívio com Melanie Klein, uma das mais importantes analistas de crianças da sua época, também trouxe forte influência para a construção de seu trabalho.

Em seus estudos e pesquisas, dedicou-se ao desenvolvimento emocional primitivo, ao brincar, a criatividade, a delinquência e a agressividade. Sua matriz clínica foi voltada para os quadros de *boderline*, psicose e falso *self*. Para ele, o ser humano é um ser criativo, um ser em devir (sempre em processo de amadurecimento).

Focado no ambiente, formulou o entendimento de "ambiente suficientemente bom", para tanto, também tratou das falhas ambientais precoces. Segundo Winnicott (2000), o bebê não existe sozinho, pois, quando se observa um bebê, também se observa a mãe, os cuidados maternos e o ambiente que o circunda.

Winnicott (1999, p. 146), em sua obra *Tudo começa em casa*, relata:

Parte-se do pressuposto que houve um ambiente facilitador satisfatório, como condição *sine qua non* para o início do crescimento e do desenvolvimento individual. Há genes que determinam padrões e tendências herdadas para o crescimento e a aquisição de maturidade; não há crescimento emocional, no entanto, a não ser em relação à provisão ambiental, que precisa ser satisfatória.

Winnicott, ao longo de sua vida profissional, produziu muitos escritos, dos quais se destacam: *A criança e seu mundo*, em 1964; *A família e o desenvolvimento individual*, em 1965; *O ambiente e os processos de maturação*, em 1965; *O brincar e a realidade*, em 1971; entre outros. Sua obra utiliza uma linguagem própria, que foi resultante da sua experiência clínica.

Entre as técnicas utilizadas por Winnicott em seu fazer psicanalítico, há destaque para a Técnica do Jogo do Rabisco (WINNICOTT, 1994) e a Técnica do Jogo da Espátula (WINNICOTT, 2000). O destaque é consequência da simplicidade operacional desses jogos diante da riqueza de conteúdos que podem ser obtidos por inferências de sua observação, o que discuto agora.

O jogo do rabisco tem, por base, o brincar e foi uma técnica utilizada por Winnicott (1994), para estabelecer contato com seus pacientes infantis. O maior mérito do jogo do rabisco é fornecer dados que a criança gostaria de comunicar.

O jogo do rabisco consiste, basicamente, em desenhos que são formados mediante *riscos livres*, sem regras, no papel, em que são postos alternadamente pelo adulto e pela criança. Mediante a formação de um desenho, a criança passa a falar para o adulto sobre conteúdos que lhe dizem respeito, proporcionando interação e abrindo a possibilidade de uma consulta (diagnóstica) terapêutica.

Já o jogo da espátula é um método para observação de aspectos do funcionamento psíquico do bebê e da dinâmica da família e foi utilizado por Winnicott sobretudo para a observação de crianças entre cinco e treze meses de idade. O jogo consiste no estabelecimento de uma situação padrão, na qual a mãe e seu bebê são observados pelo médico. A situação é a seguinte: uma espátula é colocada sobre um canto da mesa, onde a mãe sentada com o bebê em seus braços está a uma distância que permite o bebê pegar a espátula.

A observação do jogo da espátula demonstra a existência de uma sequência normal com três estágios (etapas): hesitação, uso de objetos e brincar (jogar fora os objetos). A ocorrência da sequência das etapas é decorrente da ansiedade vivida pelo bebê da situação ante seu interesse pela espátula. Ademais, essas três etapas também se apresentam na relação com o outro e na clínica psicanalítica.



### 1.3 O desenvolvimento emocional primitivo em Winnicott

Ao nascer, o sujeito depende de cuidados, para que possa sobreviver; no início, ele é puro desamparo, e sua constituição psíquica está calçada no inconsciente. Sob o domínio do princípio do prazer, as primeiras satisfações que são experimentadas têm relação com as funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Diferentes zonas e funções corporais proporcionam prazeres sexuais que apenas, mais tarde, durante o desenvolvimento do indivíduo, são eventualmente colocados sob a sustentação dos genitais.

Segundo Freud (1914 – 1916/1996, p. 84):

[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.

Nesse contexto, vamos buscar auxílio no conhecimento produzido por Winnicott para o entendimento da constituição psíquica do sujeito. Winnicott (2000) entende que o alicerce da saúde mental é estabelecido no início da infância e é decorrente do fornecimento de cuidados à criança por uma mãe suficientemente boa, pois a psique só pode ter origem dentro de um determinado enquadre (contexto). Desse modo, o enquadre pode ser entendido como as condições que permitem que a criança crie um meio ambiente pessoal, que a capacitará, mais tarde, a se desembaraçar dele.

Winnicott (2000, p. 399) considera de importância máxima a relação mãe-bebê em sua etapa inicial, o que motivou sua forte dedicação, para estudar e para compreender essa fase.

Inicialmente dependente, é necessário que o bebê supere esse estado inicial rumo à independência. Então, o meio ambiente criado e subjetivado pela criança transforma-se em algo suficientemente semelhante ao ambiente percebido. Essa é uma etapa especialmente delicada do desenvolvimento, e de seu sucesso depende o estabelecimento da saúde.

Winnicott (2000) defende a tese de que antes mesmo que o bebê reconheça a si e, portanto, aos outros como a pessoa inteira que ele é (e que os outros são) é vitalmente importante, e, nesse período, serão encontradas as chaves para a compreensão da psicopatologia da psicose.

De forma resumida, após o nascimento, a mãe deve fornecer ao bebê a ilusão de que o que ele cria está mesmo lá para ser encontrado. O cuidado materno (físico e psicológico), mediante uma adaptação ativa e sensível, funciona como uma espécie de membrana protetora que viabiliza o isolamento primário do bebê. Do isolamento primário decorre um espaço de solidão, em que a ilusão e a vida de fantasia do bebê podem ocorrer. A ocorrência da ilusão e da fantasia são fundamentais para a articulação de um espaço psíquico e para organização dos processos de pensamentos, surgindo a condição para que o bebê descubra o meio ambiente.

São muitos os desdobramentos possíveis no percurso acima citado, já que é pautado pelas singularidades de cada relação, o que torna deveras complexa a realização adequada de todo o conjunto de ações.

Durante o desenvolvimento emocional primitivo Winnicott (2000, p. 222) observou a existência de três processos cujo início ocorre muito cedo, na vida do bebê; esses são denominados de integração, de personalização e de realização.

Para a existência da integração, parte-se do pressuposto de que inicialmente o bebê apresenta uma não-integração primária, e o processo de integração tem início imediatamente com o começo da vida.

Winnicott (2000, p. 224) postula:

A tendência a integrar-se é ajudada por dois conjuntos de experiências: a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome, e também as agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro. [...] Novamente, é a experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente que constroem, gradualmente, o que poderíamos chamar de personalização satisfatória. Assim como a desintegração, o fenômeno psicótico da despersonalização também está relacionado ao retardamento da personalização no início da vida.

Durante a integração, pode haver dificuldade na percepção e no sentimento de si e do outro.

A personalização ocorre com a integração dos aspectos da psique e do soma. Na personalização, há a integração dos processos intelectuais com a experiência psicossomática. Caso o processo de personalização não seja bem-sucedido, haverá dificuldades na percepção e no sentimento de conexão entre mente e corpo, partes desintegradas e quadros hipocondríacos.

No que concerne à relação de objeto, observa-se a capacidade de estabelecer relações com objetos e interpessoais, de correlacionar o tempo e o espaço, além de lidar com o mundo externo. O sentimento de que o mundo não é real e de tédio, o vazio, a futilidade e os desafios, ao lidar com o tempo e com o espaço, são decorrentes da dificuldade de estabelecer relação de objeto.

Ainda sobre o desenvolvimento emocional do indivíduo, Winnicott (1999, p. 61) ensina:

O desenvolvimento e a instalação da força do ego é a característica básica ou importante que indica saúde. De modo natural, o termo "força do ego" vai adquirindo cada vez mais significado, à medida que a criança amadurece. No início, o ego só tem força devido ao suporte egóico dado pela mãe

adaptativa, que durante certo tempo é capaz de se identificar muito intimamente com seu bebê.

Assim, seguindo a linha do desenvolvimento do ego, Winnicott (1999) subdivide o desenvolvimento emocional em três períodos: a dependência absoluta, a dependência relativa e o rumo à independência.

No período da dependência absoluta, o bebê está entre zero aos seis meses de idade. Winnicott (1999, p. 60) cita que, no começo, o bebê é o ambiente, e o ambiente é o bebê, e, apenas mediante um processo complexo, ele separa os objetos e depois o ambiente. Nesse período, o bebê ainda não separou o “eu” do “não-eu”, e cabe a mãe suprir suas necessidades.

O período da dependência absoluta também é observável clinicamente com pacientes psicóticos ou regredidos.

Na dependência relativa, é considerada a idade de seis meses a dois anos, porém deve ser feita a ressalva de que a precisão da idade inicial tem de ser relativizada, pois alguns bebês podem entrar nesse período, em uma idade inferior. Nesse momento, já se verifica a capacidade de espera por parte da criança, decorrente de uma compreensão intelectual dos cuidados maternos e do ambiente.

No começo desse estágio, o bebê é capaz de mostrar, através do seu brincar, que ele compreende que tem um interior e que as coisas vêm do exterior. Além disso, ele entende que sua mãe possui um interior, o que abre o caminho para a possibilidade de que ocorra o relacionamento entre pessoas totais. Aqui também ocorre o surgimento de um espaço potencial.

No rumo à independência, é considerada a idade a partir dos dois anos. A independência total nunca é uma realidade, consistindo em um processo em que o indivíduo normal não se torna isolado, mas relacionado ao ambiente, de modo que o indivíduo e o ambiente são interdependentes.

#### 1.4 As funções maternas

O conceito de família tem evoluído ao longo do tempo, contudo, apesar das modificações ocorridas no desenho da família contemporânea, ainda é significativa a diferença de funções entre aqueles que cuidam do bebê e a importância da função desses para a criação de filhos.

O bebê, antes mesmo de falar, já é falado por seus cuidadores, tendo aí o início da construção de sua subjetividade, sendo que o campo de estudo da construção do sujeito perpassa a relação mãe-bebê. Assim, compreender essa relação é mergulhar nos primórdios da constituição do sujeito. Por sua vez, a função materna é considerada pela psicanálise como necessária para a estruturação e para o desenvolvimento do psiquismo da criança, ademais, ela não precisa ser necessariamente exercida pela mãe real, mas também pelo pai, pela avó, pela tia, pela babá, entre outros.

A forma como a criança articula com o meio, mediado pela mãe, pode não se resumir apenas ao período inicial do seu desenvolvimento, mas, em algum grau, pode perdurar por toda vida adulta, isto é, habilidades e dificuldades desenvolvidas na infância podem influenciar as habilidades e dificuldades na vida adulta.

Winnicott, enquanto médico pediatra que se especializou em psicanálise infantil, trouxe grande contribuição para a compreensão da função materna, em especial, para o entendimento da relação mãe-bebê. Para Winnicott (2000), é um bom começo para o amadurecimento emocional do indivíduo quando o par mãe-filho funciona bem, isto é, a criança e o futuro adulto tendem a apresentar um ego forte e ser verdadeiramente ele mesmo. O bom funcionamento do par mãe-filho atravessa o conceito winnicottiano de mãe suficientemente boa.

O conceito de mãe deve ser compreendido como cuidado materno e extensivo ao ambiente inicial. Por sua vez, ser uma mãe *suficientemente* boa pressupõe um limite. Ao esclarecer o entendimento da expressão *suficientemente* boa, Winnicott (1983, p. 133) diz:

A mãe *suficientemente* boa alimenta a onipotência do lactente e até certo ponto vê sentido nisso. E o faz repetidamente. Um *self* verdadeiro começa a ter vida através da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactente.

A mãe que não é *suficientemente* boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso *self*, e resulta da inabilidade da mãe de sentir as necessidades do lactente.

Winnicott (2000, p. 401) reconheceu que, durante os últimos meses da gravidez e nas primeiras semanas seguintes ao parto, a mãe é acometida por um estado psicológico especial, a que denominou de “preocupação materna primária”. Graças a esse estado, a mãe consegue um alto grau de sensibilidade, que se traduz em uma particular sensibilidade, para se identificar com as necessidades do seu bebê, durando algumas semanas após o nascimento dele; entretanto dificilmente as mães desse período recordam depois que o ultrapassam. Winnicott chegou a dizer que, para ele, a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida.

Com o estado de preocupação materna primária, a mãe se torna capaz de fornecer o adequado *holding* ao bebê. O *holding* é a capacidade da mãe de se adaptar às constantes mudanças de necessidades do bebê e é o fator que permite a passagem do estado de não-integração para o estado de integração. Outrossim, ele compreende, em especial, o cuidado de sustentação no braço, o dar banho, o toque.

As funções maternas descritas por Winnicott envolvem o *holding*, o manejo e a apresentação de objeto.

O *holding* é compreendido como o acolhimento, a contenção e a sustentação feita pela mãe junto ao bebê. É acolher, conter e sustentar determinadas experiências ao longo de um tempo, sem interromper a experiência do bebê, oferecendo um ambiente que permita o processo de integração do sujeito.

O manejo inclui o conjunto de comportamentos que, além do *holding*, é caracterizado por fornecer ambiente tranquilo e livre de invasões, de maneira que permite o processo de personalização.

Apresentação de objeto consiste na apresentação da realidade externa. Em se tratando da apresentação de objeto quando do sujeito em análise, essa é exercida pelo analista por meio da interpretação, o que permite, ou impede, o processo de realização.

#### 1.4.1 *Quando as funções maternas não são satisfatoriamente exercidas*

Não são todas as mães que são capazes de exercer satisfatoriamente as funções maternas. Para Abram (2000, p. 161), Winnicott dividia as mães incapazes de proporcionar o ambiente que o bebê necessita para um desenvolvimento sadio em três diferentes categorias: a mãe psicótica, a que não pode se entregar à preocupação primária e a atormentadora.

A mãe psicótica falha, por não ser capaz de separar-se do filho com a finalidade de que esse cresça afastado do seu olhar. Talvez, por forte depressão ou por preocupação, algumas mães não se entregam à preocupação primária e falham, por não proporcionar o *holding*, o manejo e a apresentação do objeto adequadamente. Já a mãe atormentada fracassa, por violar o coração do sentimento de *self*.

Outro aspecto que deve ser destacado é referente ao período do desenvolvimento em que há a ocorrência da falha das funções maternas, tendo em conta que cada período guarda especificidades próprias, dessa maneira, segue:

Falha do ambiente na dependência absoluta: morte, deficiência orgânica ou mental, esquizofrenia. É o período em que ocorre a passagem do princípio do prazer ao da realidade e do autoerotismo às relações de objeto.

Falha do ambiente na dependência relativa: distúrbios afetivos, tendência antissocial, dependência patológica.

Falha do ambiente rumo à independência: violência, agressividade patológica, irresponsabilidade.

Existe ainda a ocorrência da falha positiva, quando se permite a diferenciação eu/não-eu. Caso aconteça gradualmente, essa falha possibilita que a criança tenha acesso ao princípio da realidade, sendo ela um aspecto necessário ao desenvolvimento do sujeito.

#### 1.4.2 *O pai e as funções maternas*

A mãe é uma figura central na teoria winnicottiana, mas isso não significa dizer que o pai não tenha importância no processo necessário para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Sem a figura paterna, a possibilidade de a mãe exercer o estado de preocupação primária fica bastante prejudicada, então, cabe ao pai oferecer adequada sustentação para a família.

Abram (2000, p. 37) ensina que Winnicott destaca três campos principais para a atuação paterna: a relação entre os pais, o suporte proporcionado pelo pai à



mãe em sua autoridade e a distinção entre quem ele é e os outros homens. O bom desempenho do pai nesses campos são fatores que contribuem para o ambiente suficientemente bom.

### **1.5 A transicionalidade e o brincar em Winnicott**

Newman (2003, p. 298) cita que, para alguns estudiosos, a descoberta dos objetos transicionais e dos fenômenos transicionais constituem a contribuição mais original de Winnicott no âmbito da psicanálise. O entendimento do que seja o objeto transicional muito contribui para a compreensão global da obra de Winnicott.

O objeto transicional auxilia o desenvolvimento da criança, mas não é imprescindível, e é a primeira posse de objeto não sentida como eu, servindo como preparação para a separação e o desmame. É algo que é sentido como não estando nem dentro nem fora do bebê, podendo ser um brinquedo, um paninho, um travesseiro, entre outros itens.

Para Winnicott (1975), no começo, o bebê tem a ilusão de onipotência, vivenciando o seio materno, como sendo parte do seu corpo; porém, uma vez atingida essa onipotência ilusória, a mãe deve ir desiludindo o bebê aos poucos, para que esse perceba que seio é uma posse sua, no sentido de objeto, mas que não é ele.

Winnicott (1975) observou o momento em que o bebê passa do erotismo oral - de levar o punho e os dedos à boca - para o brincar com objetos, isto é, para o uso da "primeira possessão que seja 'não-eu'." Ele observou que o bebê, ao interagir com sua mãe, apresenta uma ampla variação de movimentos entre a atividade autoerótica do dedo na boca para a ligação com um paninho ou com um ursinho de

pelúcia. Então, para designar “essa área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto” utilizou a terminologia de “objetos transicionais” e de “fenômenos transicionais”.

A transicionalidade diz respeito a uma área intermediária que não é inteiramente subjetiva, nem objetiva. Não é o objeto, naturalmente, que é transicional, isto é, o objeto transicional tem esse nome não por ser transicional, mas por representar a transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com algo externo e separado.

Ao cumprir sua finalidade, o objeto transicional perde o seu significado e é descatexizado, de forma que é deixado lado.

Outro importante fenômeno observado por Winnicott o qual ajuda na compreensão de como se dá o desenvolvimento infantil foi o brincar. Sem o brincar, a constituição psíquica do indivíduo não acontece, por isso é fundamental para o amadurecimento emocional do indivíduo. Ademais, indo mais além, o brincar também é primordial para o adulto.

Mediante o brincar, o sujeito, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, assim, sendo desempenhada uma função estruturante e constitutiva. Winnicott (1975) ensina que a brincadeira é necessária para a unificação e para a integração geral da personalidade, sendo um elo entre a relação do indivíduo com a realidade interior e a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada.

## 1.6 O verdadeiro e o falso *self*

Apesar de sua importância, o conceito de *self* desenvolvido por Winnicott não é fácil de ser entendido. Inicialmente, por *self*, compreende-se como sendo uma descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente, representando um sentimento de ser que é subjetivo. O *self* é classificado em verdadeiro e falso.

Winnicott (1983) postula que o verdadeiro *self* é uma posição teórica de onde vem o gesto espontâneo que é *self* verdadeiro em ação. Apenas o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real, e, para o surgimento desse, a mãe deve agir de modo a não colidir com a onipotência do bebê na fase de dependência total, de forma que ele passa gradualmente a renunciar a sua onipotência.

Segundo Winnicott (1983, p. 136), o *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e da respiração. Além disso, está intimamente ligado à ideia de processo mais primário e é, de início, essencialmente não-reativo aos estímulos externos (por ser primário).

O brincar, para o verdadeiro *self*, é fundamental, pois é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu verdadeiro *self* (eu).

Já o falso *self*, para Winnicott (1983), é uma defesa, isto é, uma organização defensiva que tem, por finalidade, proteger o verdadeiro *self*, que fica inacessível. O falso *self* funciona como uma fachada para o indivíduo, dando a esse uma saúde mental aparente. Em Grolnick (1993, p. 72), encontramos que a falta de sintonia e de ritmo do provedor de cuidados pode transmitir demasiadamente acerca do outro, e não suficientemente acerca do bebê, daí é capaz de surgir um falso *self* patológico.

Com o falso *self*, o indivíduo realiza todas suas vivências, contudo elas serão sentidas como não tendo valor e sendo inúteis. Dessa forma, os sentimentos decorrentes da desvalia e da inutilidade sentidos pelo sujeito dar-lhe-ão a impressão de que a vida não vale a pena ser vivida.

Com a predominância do falso *self*, o verdadeiro *self* fica oculto e inacessível, de forma que não há o amadurecimento pessoal relativo à continuidade de ser, existir e sentir-se real. Isso porque o falso *self* não é oriundo da espontaneidade da pessoa, mas constitui resultado de uma reação à intrusão ambiental ou à falha na adaptação materna, que tem, como função, proteger o verdadeiro *self* do risco de aniquilamento. O estabelecimento do falso *self* constitui um aspecto falso da personalidade do indivíduo, porém que se apresenta, para o mundo externo, como se fosse real.

Winnicott adotou a terminologia de falso *self*, para indicar que esse eu, apresentado ao mundo pelo indivíduo, é oriundo de um aspecto materno e não desse, seria o ambiente internalizado.

Winnicott (1983, p. 132) relata que, quando um falso *self* se torna organizado em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e, nesse caso, desenvolve-se uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática.

Entre o *self* verdadeiro e o falso *self*, existem muitas gradações, de modo que essas duas formas podem coexistir em um mesmo indivíduo. No indivíduo normal, isto é, que tem aspecto de ser submisso ao *self*, mas que há e é espontâneo e criativo, existe, ao mesmo tempo, a capacidade para o uso de símbolos. Para Grolnick (1993, p. 71), “sem um *self* falso, ou, em termos saudáveis, um *self* social, um *self* verdadeiro jamais seria capaz de sobreviver no mundo.”

Consoante Grolnick (1993, p. 75):

Quando as experiências de criatividade primária e o desenvolvimento dos objetos e fenômenos transicionais e do mundo simbólico tenham se dado de uma forma suficientemente boa, tendo sido gradativamente internalizadas, o indivíduo pode ter uma profunda sensação de ser proprietário, sim, de possuir, internamente, aquilo que possuía apenas no campo da ilusão. Refiro-me aqui à sensação de estar de posse de, e no controle de seu próprio *self* e mente.

### **1.7 A delinquência e a tendência antissocial**

Um importante tema ainda enfrentado por Winnicott no âmbito da psicanálise foi o da delinquência e da tendência antissocial. Chamado a atuar durante a Segunda Guerra Mundial, quando atendeu inúmeras crianças e adolescentes em decorrência da evacuação da população de cidades e, dessa vivência, relacionou as situações de privação com o aparecimento de tendências antissociais. Com essa reflexão, surgiu a construção de uma teoria que se propôs a explicar os caminhos possíveis para a ocorrência da delinquência e da tendência antissocial. A obra de Winnicott (2005) “Privação e Delinquência” é aqui tomada como referência para estudo dessa temática.

Há de se destacar que o estudo do que seja delinquência e tendência antissocial é complexo e envolve diversos aspectos sociais e econômicos. Contudo, tendo em conta o objetivo do presente estudo, o escopo aqui serão as falhas ambientais que podem suscitar a ocorrência de ações de delinquência e de tendência antissocial.

Para Winnicott (2005, p. 93), no bebê, estão presentes o amor e o ódio em plena intensidade humana, aliás, para ele, esses constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Além disso, amor e

ódio envolvem agressividade, e, por outro aspecto, a agressão pode ser um sintoma de medo. Newman (2003, p. 41), explicando esse entendimento de Winnicott, pontua:

Ele parte do ponto de vista, do qual muitos discordam, de que o bem e o mal que porventura existam no mundo dos relacionamentos humanos podem ser encontrados no coração do ser humano individual – e vai além, dizendo que na primeira infância existem amor e ódio de intensidade humana total.

De todas as tendências humanas, a agressividade tem uma peculiaridade especial, pois ela pode ser escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos e, quando se manifesta, é sempre uma tarefa difícil de identificar suas origens. Talvez a palavra voracidade expresse melhor que qualquer outra a ideia de fusão original do amor e da agressão, embora o amor, nesse caso, esteja confinado ao amor-boca.

Grolnick (1993, p. 69) destaca:

Winnicott encarou a agressão como uma das partes necessárias ao processo pelo qual a criança se capacita a colocar o objeto fora do mundo projetivo e na esfera da realidade. Se o objeto pode ser continuamente atacado e destruído, e sobrevive com a mesma frequência, o pequeno ser desenvolve um senso da existência de um exterior que possui as origens da constância.

É tarefa dos pais e dos professores cuidar, para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle, ou, por medo, elas assumirem a autoridade. Um dos objetivos na construção da personalidade é tornar o indivíduo capaz de drenar, cada vez mais, o instintual. Isso envolve a capacidade crescente, para reconhecer a própria crueldade e avidez, que, só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimada.

Winnicott (2005, p. 104) percebeu que a agressividade pode estar presente tanto na criança ousada como na tímida. Na criança ousada, a tendência é obter o alívio que faz parte da manifestação aberta de agressão e de hostilidade, e, na tímida, o recurso utilizado é a tendência de encontrar a agressividade não no eu, mas em outro lugar, e a de ter medo dela, ou de ficar apreensiva, na expectativa de que essa se volte para a própria criança, a partir do mundo externo. Outro tipo de oposto encontrado por Winnicott (2005, p. 105) decorre do contraste entre a criança facilmente agressiva e aquela que mantém a agressividade dentro dela e, portanto, torna-se tensa, excessivamente controlada e séria.

Para Winnicott (2005, p. 142), a manifestação da tendência antissocial inclui roubo, mentira, incontinência e, de modo geral, uma conduta desordenada caótica. Também foi observado por Winnicott a existência de dificuldade na capacidade de envolvimento por parte do indivíduo. Conforme Winnicott (2005, p. 11), a palavra “envolvimento” é usada, para cobrir, de modo positivo, um fenômeno que é coberto, de modo negativo, pela palavra “culpa”. O envolvimento refere-se ao fato de o indivíduo preocupar-se ou importar-se e tanto sentir como aceitar responsabilidade.

Ainda de acordo com Winnicott (2005, p. 112), a capacidade de envolvimento está por trás de todo o trabalho e de brincar construtivos, emergindo no campo do desenvolvimento emocional da criança, em um período anterior ao do Complexo de Édipo clássico.

## 1.8 O funcionamento psíquico psicótico

Winnicott (2000, p. 305) observou que a psicose é algo comum na infância, porém sua ocorrência passa despercebida, devido ao modo como os sintomas ocultam-se entre as dificuldades normais inerentes à criação dos filhos. Desse modo, o diagnóstico é feito, quando o ambiente não consegue ocultar, ou resolver, as distorções do desenvolvimento emocional, levando a criança a organizar-se em torno de uma linha de defesa a qual se torna reconhecível como uma entidade patológica.

O desenvolvimento emocional primitivo do bebê – antes que ele reconheça a si e, portanto, aos outros, como a pessoa inteira que ele é e que os outros são - é vitalmente importante, e, nesse período, serão encontradas as chaves para compreensão da psicopatologia da psicose.

Três aspectos que influenciam a constituição e os quadros psicopatológicos: hereditariedade; ambiente (cuidado materno) que pode apoiar, falhar, ou traumatizar; e o meio em que o bebê vive, cresce e acumula experiências. Havendo falha por excesso ou por ausência materna, abre a possibilidade de também haver paralisia da atividade de pensar, o que pode ensejar a possibilidade da psicose. Dessa maneira, a doença mental do tipo psicótico surge a partir de adiamentos, de distorções, de regressões e de confusões nos estágios iniciais do crescimento do conjunto ambiente-indivíduo.

Assim, em uma situação em que houver limitações à capacidade intelectual (em função de um tecido cerebral maldotado), a habilidade do bebê de traduzir a adaptação insuficientemente boa em uma adaptação suficientemente boa



é reduzida, disso resultando uma incidência maior de psicose em deficientes mentais que na população normal.

Para Winnicott (2000), a psicose está ligada à privação emocional em um estado anterior àquele em que o bebê possa perceber essa privação, e a esquizofrenia é considerada como o resultado de certas falhas de construção da personalidade.

Ainda, no que diz respeito à função materna, as condições psicóticas podem instalar-se pela privação do continente mental materno, diante das excessivas cargas agressivas projetadas pelo bebê, de forma que, ou elas puderam ser suportadas e simbolizadas pela maternagem, ou a mente do bebê, pela ação do ódio e da inveja, não permitiu à mãe exercer essa função continente estruturante.

## **2 A OBRA LITERÁRIA DOIS IRMÃOS**

A obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum foi lançada em 2000, publicada em mais de doze países e gerou uma série na Rede Globo. A obra trata da conturbada trajetória dos irmãos gêmeos Yaqub e Omar, na cidade de Manaus, entre as décadas de 1920 e 1980, abrangendo o regime militar.

A história dos gêmeos transita em torno da personagem Zana, mãe dos gêmeos, do Halim, o pai, da irmã Rânia e de Domingas, a fiel empregada, e é contada por Nael, filho de Domingas.

### **2.1 Yaqub**

Yaqub foi o primeiro a nascer dos gêmeos e ficou sob os cuidados de Domingas, espécie de empregada e ama. Na infância, ele não tinha fôlego, para acompanhar o irmão, nem coragem e não entendia por que a mãe não ralhava com Omar.

Quando tinha 13 anos, foi flagrado aos beijos com uma moça (Lívia), por seu irmão Omar. Na ocasião, Omar, tomado de ciúmes por Lívia, quebra uma garrafa e corta o rosto de Yaqub, o que vai lhe custar uma cicatriz pelo resto da vida. Após esse episódio os irmãos deixam de se falar, e o pai, então, decide mandar os irmãos para o Líbano. No dia da partida, já no porto, a mãe não larga a mão de Omar, de forma que apenas Yaqub segue para o Líbano. Além de ser mandado contra a sua vontade para o lá, não entende, porque ele, e não seu irmão, foi enviado; assim, passa, no Líbano, cinco anos.

Por ter sido cuidado na infância por Domingas, nutrirá, por ela, grande afeto. Era tímido e talvez, por isso, passasse por covarde; também lacônico e carente de prosa, porém vai mostrar que sabe operar com número, de forma que, aos poucos, foi tornando-se um matemático. Outrossim, trocava as noites de festas pelo estudo.

Em janeiro de 1950, viaja para São Paulo, onde estuda, refina-se e se torna oficial do exército. Posteriormente, forma-se em Engenharia, casando com a moça que motivou a briga que desencadeou sua ida para o Líbano. Não tiveram filhos. Ele juntamente com Halim vão nutrir amizade e preocupação por Nael, filho de Domingas.

Na juventude, não se vigou do irmão, mas, na maturidade, tentará vingarse, ao obstruir um negócio que vinha sendo realizado por Omar. A vingança, porém, resultou em uma enorme dívida para ele e para Omar e em mais uma briga. Não satisfeito, Yaqub articulou, para que a casa da família fosse vendida, para pagar a dívida contraída.

Terminou morando em São Paulo e mantendo, por cartas, contato, por algum tempo, com Nael.

## **2.2 Omar**

Omar nasceu alguns minutos após Yaqub e tinha problemas respiratórios, adoecendo muito nos primeiros meses de vida. Ele cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via, na compleição frágil do filho, a morte iminente.

Omar costumava entrar no quarto dos pais, durante a sesta, e fazer cambalhotas até expulsar o pai, só se aquietando, quando a mãe saía, para brincar com ele no quintal. Durante a permanência de Yaqub no Líbano, foi tratado como filho único. Quando criança, subia mais alto nas árvores e debochava do irmão, pois sentia ciúme do irmão. Outrossim, exagerava nas audácias da juventude e vivia a vida como queria. Ao bater em um padre, foi expulso do colégio, passando a estudar em uma escola de periferia (Galinheiro dos Vândalos).

Sofreu com a coragem de Yaqub de ir para São Paulo. Na aparência, era indiferente ao êxito do irmão, dizendo que ele era "um lesão com pinta de importante." Não terminou nada, jamais frequentou uma faculdade, desprezava um diploma universitário, ignorava tudo que não desse um prazer intenso, fortíssimo, de caçador de aventuras sem fim.

Violentou Domingas, o que resultou no nascimento de Nael, e foi nesse ato acobertado pelo Halim e por Zana, de forma que nunca exerceu qualquer ação que fosse interpretada como o exercício da função paterna para com essa criança.

Sedutor, vivenciou inúmeros romances, todavia, quando algum relacionamento parecia que prosperaria, sofria a interferência de sua mãe, que via nesse a possibilidade de lhe roubarem o filho caçula.

Omar foi preso após a tentativa de matar o irmão, durante uma briga, que decorreu do esforço de Yaqub de impedir a conclusão de um negócio que era conduzido por Omar. Denunciado por tentativa de homicídio, foi condenado e preso. Ele deixou o presídio um pouco antes de cumprir a pena, à custa de recursos acumulados por Rânia, não volta a viver com seus familiares (Rânia e Nael) e termina sendo andarilho.

### **2.3 Rânia**

Rânia nasceu após os gêmeos e, por idolatria, viveu à sombra dos irmãos. Apesar de pouco sociável, desenvolverá habilidades para o comércio e auxiliará o pai a administrar a loja da família, o que se intensificará com o avançar da idade dele.

Não conseguiu desenvolver vínculos afetivos consistentes fora do núcleo familiar. Apesar de ter pretendentes, não casou, parecendo que queria alguém que fosse semelhante a seus irmãos. Após a morte do pai, passa a ser a principal gestora dos recursos financeiros da família, e, apesar do seu empenho, entra em declínio financeiro, indo morar em uma casa menor, mas não é seguida pela mãe.

Após a morte da mãe, passa a ser o suporte financeiro de Omar, pagando dívidas contraídas por ele em festas. Dá assistência a esse irmão, inclusive quando ele é preso, em virtude de ter agredido fisicamente Yaqub.

### **2.4 Zana**

Zana veio com o pai do Líbano para o Brasil, aos seis anos. Aos quinze anos, conhece o Halim e logo depois casa com esse. Após o casamento, seu pai retorna à terra natal, morrendo um período depois. Zana chora pela morte do pai como uma viúva, passando inclusive duas semanas trancada em seu quarto, sem dormir com o esposo. Ela mandava e desmandava na casa.

Algum tempo depois da morte do pai, com a finalidade de obter companhia e ajuda nos afazeres do lar, Zana traz a órfã Domingas, para morar em

sua casa. Os gêmeos nascem dois anos depois da chegada de Domingas, ou, mais ou menos, três anos depois da morte do seu pai.

Culpa Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos e permite que o marido envie um deles (Yaqub) para o Líbano. Com o retorno de Yaqub, tenta zelar por uma atenção mais equilibrada aos filhos, contudo, por Omar, passará noites em claro, esperando esse chegar de suas noitadas. Aliás, Zana adivinhava os desejos de Omar, dava-lhe tudo, desde que não se desgarrasse dela.

Ela considerou injusta a expulsão de Omar do colégio de padres, e, na ocasião, achou que o filho só quis provar que era homem, e que mal havia nisso?!

Zana morre, sem conseguir a aproximação dos gêmeos.

## **2.5 Halim**

Halim não conheceu seus pais, veio para o Brasil com um tio aos doze anos, o qual o deixou sozinho e desapareceu. Adulto, torna-se mascate. Apaixonado pela esposa, vai até, na velhice, fazer todas as vontades dela. Um boa-vida, não querendo ter filhos – "um filho é um desmancha-prazer", dizia. Após a morte do pai de Zana, quis gozar a vida só com ela, só os dois. Concorde com Zana em tudo, desde que terminassem na rede ou na cama. Displicente nos negócios, mas exagerado no amor.

Após o nascimento dos gêmeos, passou dois meses, sem poder tocar no corpo de Zana, todavia, depois desse período, reconquistou Zana, mas deu adeus ao tempo em que se arrepiavam de prazer em qualquer canto da casa ou do quintal.

Para Halim, a esposa tratava um dos filhos (Omar), como se ele fosse o único filho. Diante dos diversos desentendimentos ocorridos entre os gêmeos, quis mandá-los para o Líbano, porque entendia que, estando os gêmeos distantes da família, poderia haver um movimento de aproximação entre os irmãos, porém Zana permitiu que apenas Yaqub partisse.

Halim não compartilhou sua intimidade com os gêmeos, sobretudo com Omar, do qual chegou a não querer sequer escutar a voz e esteve mais próximo de Rânia. Com Rânia, Halim compartilhou a administração de seu comércio, e ela, algum tempo depois, veio a assumir o comando da atividade comercial. Faleceu repentinamente em um dia de natal.

Depois da morte de Halim, a casa da família começou a desmoronar e a esvaziar.

## **2.6 Domingas**

Índia órfã que veio morar com a família após a morte do pai de Zana, logo passando a cuidar da casa e da família. Foi a sombra servil de Zana, mas sonhava com a liberdade. Sensível e fiel, vai ser a mãe postiça de Yaqub na ausência de Zana, nutrindo, por ele, forte afeto. Também cuidou de Rânia.

Foi violentada por Omar, o que resultou no nascimento de Nael. Resignada, mesmo após ter sido violentada, não vai deixar de cuidar de Omar, assim, parecendo que Domingas nutria algum desejo por ele. Passou a vida, sem revelar ao filho quem era o pai e faleceu algum tempo depois da morte de Halim.

### **3 ENTRELAÇAMENTO DA TEORIA COM OS PERSONAGENS**

#### **3.1 Reflexões sobre personagens literários**

A relação entre a psicanálise e a Literatura tem origem em Freud, que buscou, no ramo literário, um campo de diálogo para articulação dos conceitos psicanalíticos que desenvolvia; assim, basta lembrar-se do Complexo de Édipo, o qual tem inspiração em uma tragédia grega de autoria de Sófocles.

No entrelaçamento da obra *Dois Irmãos* com a psicanálise, mais precisamente com a teoria winnicottiana, creio ser possível a relação psicanálise e literatura, visto que a tese tem, como fonte de debate, a existência de um ambiente suficientemente bom e capaz de favorecer o desenvolvimento emocional do sujeito, de maneira que essa teoria permite a análise do ambiente em que a trama literária está inserida.

O presente estudo não propõe a análise de manifestações do inconsciente, mas tem interesse de ampliar a compreensão acerca de um conjunto de conceitos, buscando-se, no entrelaçamento com a literatura, o conhecimento psicanalítico, em vez do resgate do conhecimento sobre subjetividade.

Assim, apesar da análise em tela ser fundamentada em fatos literários, em que não é possível o acesso a importantes aspectos da vida psíquica dos personagens, creio na validade do estudo. Sob o escopo do marco conceitual a que está circunscrito (teoria winnicottiana), a narrativa da estória contém elementos e pistas que nos permitem fazer uma análise da construção psíquica dos personagens, a título de ilustrar o presente trabalho monográfico.



### 3.2 Zana foi uma mãe suficientemente boa?

Talvez a personagem não tenha superado adequadamente o luto pela morte do pai, daí, com o nascimento e com a constatação da saúde precária de Omar, houvera a atualização do sofrimento decorrente da perda paterna. A revivência do luto pode ter desencadeado a prática de excessivo zelo no cuidado do filho, como maneira de evitar outra perda significativa. De outro aspecto, ao ter excessivo zelo por Omar, não conseguiu equilibrar o grau de atenção e os cuidados ao outro filho gêmeo, Yaqub.

Por sua vez, o excesso de afeto e de cuidados com o Omar não permitiu que o filho percorresse adequadamente o percurso necessário ao desenvolvimento dele. Assim, parece que sua excessiva preocupação decorrente da saúde inicialmente frágil do filho fez com que ela não exercesse adequadamente as funções maternas de *holding*, manejo e apresentação de objeto.

A preocupação excessiva de Zana não permitiu o seu afastamento de Omar, ao mesmo tempo, por permanecer fusionada com ele, não conseguiu perceber e atender às necessidades do outro filho, Yaqub. A função materna não foi exercida adequadamente por Zana, seja pelo excesso junto ao filho Omar, seja pela falta junto ao filho Yaqub. Assim, a Zana, para ambos os filhos, não foi uma mãe suficientemente boa.

Ainda, sobre a personagem, vale aqui também lembrar o que Freud (1914 – 1916/1996, p. 97) observou:

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. [...] Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele.

Fruto do seu próprio narcisismo, Zana tinha uma enorme dificuldade de ver defeitos no comportamento de Omar. Na escola Omar bateu em um dos padres, mas Zana entendeu que Omar estava apenas querendo provar que era homem. Apesar das reiteradas bebedeiras de Omar, ela sempre estava a espera desse para prestar cuidados. Omar violentou Domingas, o que resultou no nascimento de Nael, contudo Zana foi conivente com o filho ao não ter atitudes compatíveis com o vínculo sanguíneo existente, de pai e de avó respectivamente.

### **3.3 Halim exerceu a função paterna adequadamente?**

O personagem não teve o desejo de ter filhos e, durante toda a trama, denuncia sua insatisfação em tê-los tido, não sendo um personagem propriamente injusto, mas não exerceu a função paterna de forma adequada.

Ele não impôs o limite necessário a evitar o funcionamento fusional entre a Zana e seu filho Omar. Ademais, foi também passivo, ao não tentar minimizar a ausência de Zana para com o filho Yaqub.

Há de se lembrar que a ideia da viagem dos irmãos para o Líbano foi do Halim, e seu argumento era que a distância do lar poderia unir os irmãos; mas será que também o desejo de que, com a distância dos filhos, poderia aproveitar com exclusividade a companhia da esposa não teve influência para essa tomada de decisão? Suscito aqui a possibilidade da existência de ciúme do pai em relação aos filhos ter colaborado para o prejuízo do exercício da função paterna.

### **3.4 Qual função foi exercida por Domingas na família?**

Parece que Domingas contribuiu para a construção de um ambiente suficientemente bom para Yaqub, Rânia e Nael, ela parece ter feito a suplência da função materna. A personagem se fez presente nos cuidados necessários para o estabelecimento do *holding*, manejo e apresentação de objeto para as três crianças.

Tendo origem indígena, Domingas passou, com Yaqub, bons momentos de brincadeiras junto à natureza, sendo responsável não só pelos cuidados básicos, mas também por trocas afetivas. Na idade adulta de Yaqub, também desempenhará o papel de cuidadora afetiva. Rânia também recebeu carinho e atenção de Domingas.

O filho de Domingas, Nael, é o mais sensível dos personagens. Após concluir o curso superior, passou a lecionar, tendo uma vida construtiva, e, apesar das muitas dificuldades enfrentadas, ele demonstrou, durante toda a trama, maturidade e coerência. Assim, parece ter encontrado, na mãe, o suporte e a inspiração necessária para superação dos obstáculos.

### **3.5 Qual a situação do amadurecimento emocional de Omar?**

É o personagem da trama psiquicamente mais perturbado e com dificuldades emocionais. Fusionado com a mãe, não conseguiu desenvolver satisfatoriamente suas potencialidades. Ademais, uma conduta desordenadamente caótica, pautada por irresponsabilidade e por agressividade, esteve presente em sua história. Durante toda a trama, não há passagem que evidencie o seu amadurecimento criativo.

Regido pelo princípio do prazer, tinha conduta sobremaneira erotizada, o que pode talvez indicar a possibilidade de uma falha na interdição paterna combinada com uma identificação com o pai, visto que uma das características do Halim era o efusivo desempenho sexual com sua esposa.

O nascimento de Omar com a saúde fragilizada suscitou, em Zana, um forte apego emocional. Nesse contexto, vê-se que Zana não permitiu que Omar se separasse dela e assim crescesse.

Tendo, em conta, os inúmeros acontecimentos de agressividade e de irresponsabilidade praticados por Omar, há de se ressaltar sua tendência antissocial (conduta desordenadamente caótica). É levantada aqui a possibilidade da falha materna ter passado a ocorrer entre o período da dependência relativa e o período rumo à independência.

Os primeiros anos do Omar suscitam a forte insuficiência da presença paterna. A autoridade exercida por Halim foi fraca, apesar de que, em alguns momentos, essa foi exercida. Então, parece que a construção da personalidade do Omar ficou carente de mecanismos de controle instintual.

A formação de uma instância psíquica do Omar, em um contexto de insuficiência da presença paterna e em um ambiente permissivo por parte da mãe, ficou fragilizada, de forma que o reconhecimento da existência da lei foi prejudicado. Com efeito, uma instância psíquica crítica de uma criança é, em grande monta, construída segundo o modelo da de seus pais.

Por sua vez, o ego do personagem era também relativamente enfraquecido, o que fica demonstrado pela insuficiência de sua capacidade de controlar seus impulsos, sendo regido, em grande medida, pelo princípio do prazer.

E, em estando o ego fragilizado, há a possibilidade da busca por satisfação desinibida dos apetites. Segundo Abram (2000, p.119): “Para Winnicott, o ego é responsável por recolher as informações (as experiências externas e internas), organizando-as. Contudo, isto somente é possível, se a mãe for suficientemente boa, já que inicialmente o ego do bebê é ela.”

Seu prazer é marcado por um sentido de urgência e de compulsividade. Levanto a hipótese de que a voracidade esteja na raiz da urgência e da compulsividade, isto é, um estado em que o amor e a agressão ainda são muito primários. Na ocorrência do abuso sexual de Domingas, verifica-se que o personagem se apresentou com voracidade e foi totalmente indiferente às necessidades e aos desejo dela, vendo-a como objeto. E, apesar de Domingas ter ficado grávida e ter tido um filho seu, nunca demonstrou afeto ou cuidado com o menino, não estabelecendo, com ele, qualquer envolvimento emocional.

Percebe-se que o personagem apresenta insuficiente capacidade de envolvimento, por não se encontrar, na sua conduta, o trabalho e o brincar construtivos e pela incapacidade de sentir e aceitar responsabilidade. Além de não ter envolvimento emocional com o filho tido como Domingas (Nael), não se relacionou positivamente com o irmão Yaqub e, com a irmã Rânia, mantinha atitudes de exploração financeira.

Pelos relatos descritos acima, creio que a evolução da maturidade emocional do personagem não foi marcada por um satisfatório movimento de rumo à dependência.

### 3.6 Qual a situação do amadurecimento emocional de Yaqub?

O personagem Yaqub foi preterido por Zana em favor do seu irmão Omar, o que fica evidenciado em muitas passagens da trama, prejudicando sua relação primordial com a mãe. Mas, apesar dessa e de outras adversidades, formou-se em Engenharia, casou, alcançou a independência financeira e obteve sucesso profissional. Ao contrário de Omar e de Zana, parece que a participação de Domingas na condição de mãe postiça favoreceu a construção de um ambiente mais satisfatório e suficientemente bom para Yaqub, porém, apesar das conquistas de Yaqub, alguns aspectos negativos também são observados.

Após o incidente no qual foi ferido por seu irmão Omar, apenas Yaqub foi enviado para o Líbano. Assim, esse fato, sem dúvida, deve ter desempenhado importante papel para a evolução e para os desdobramentos dos seus afetos na vida adulta. O período em que passou no Líbano aparentemente não foi acolhido psicologicamente de maneira positiva. Ao retornar para o Brasil, o personagem não relatará nenhum acontecimento que lhe fora agradável, ao contrário, o silêncio sobre esse período demonstra a dificuldade de lidar com as emoções que lhe eram evocadas.

A inveja talvez tenha sido o afeto que alimentou a raiva por seu irmão Omar e a vontade de suplantá-lo intelectualmente. Sua ida para São Paulo talvez fora facilitada pela fragilidade dos laços afetivos com os pais e pela possibilidade de evitar o sofrimento decorrente das reiteradas ocasiões que a preferência afetiva da mãe por seu irmão era percebida e sentida.

Contrariamente ao conturbado relacionamento com seu irmão Omar, Yaqub nutriu afeto e teve cuidados por seu sobrinho Nael. O bom relacionamento de

Yaqub com Nael demonstra a capacidade de ele estabelecer relações interpessoais saudáveis e de ter envolvimento, mesmo diante de adversidades.

Apesar do seu sucesso profissional decorrente de sua autodeterminação, não compareceu ao funeral de seu pai, apesar da inexistência de algum fato impeditivo. Inclusive a sua ida para São Paulo pode ter sido, em parte, decorrente da dificuldade de lidar com a sua realidade familiar.

Em razão do contexto acima, entendo haver a possibilidade de Yaqub ter construído um falso *self* não enquadrável como normal no intuito de ocultar e de proteger o seu *self* verdadeiro. Então, o falso *self* parece que foi construído como defesa, em decorrência do personagem não ter encontrado um ambiente suficientemente bom para o seu processo de integração de si e de desenvolvimento emocional.

### **3.7 Qual a situação do amadurecimento emocional de Rânia?**

Entre os filhos de Zana e Halim, Rânia teve menor destaque, e penso que isso guarde certa lógica com a sua estória e características pessoais. A mãe (Zana) parece que não exerceu satisfatoriamente as funções maternas, provavelmente por estar fusionada ao Omar, de modo que teve Domingas como uma espécie de mãe postíça.

Da leitura da obra, também se colhe que Zana tinha uma competitividade velada com a filha. Rânia idolatrava os irmãos, e talvez essa idolatria tenha prejudicado a possibilidade de ela ter envolvimento com outros homens. Fora sua dedicação decorrente do comando do comércio do pai, vivia relativamente reclusa em seu quarto.

## CONCLUSÃO

O estudo da temática do presente trabalho é sobremaneira envolvente, talvez por tocar em muitos aspectos da nossa história e por falar da relação primordial que constituiu cada um de nós. O conceito winnicottiano de mãe suficientemente boa é atual e auxilia muito no entendimento de como se dá a construção e o desenvolvimento psíquico do sujeito. Outrossim, entender o funcionamento do indivíduo traz grande ganho à prática da clínica psicanalítica.

Do estudo feito, foi verificado que a maternagem suficientemente boa é a base que pode possibilitar o adequado desenvolvimento psíquico do indivíduo, do contrário, quando ela não o é, pode haver o comprometimento da integridade dessa base, que, não sendo consistente, pode prejudicar o desenvolvimento emocional do sujeito em seu amadurecimento.

A análise da obra *Dois Irmãos* viabilizou demonstrar que as funções maternas podem ser exercidas por outra pessoa, visto que Domingas foi a mãe postiça de Yaqub e exerceu, junto ao personagem, funções de *holding*, manejo e apresentação de objeto.

A função paterna também merece destaque. Na obra, a falta de desejo de ser pai ficou patente na estória do personagem Halim, pois, no que se refere ao compromisso paterno, a trajetória desse personagem foi pautada pela omissão, de forma que sua presença não contribuiu satisfatoriamente para o amadurecimento emocional de Yaqub nem se prestou à retirada do estado fusional do Omar.

Por fim, tenho que ressaltar a importância da Literatura como inesgotável fonte de material empírico para a discussão do saber psicanalítico, dessarte, são



inúmeras as possibilidades de se extrair conteúdos empíricos, e o exercício feito no presente trabalho abre caminho para a realização de novos estudos.

## REFERÊNCIAS

ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

FREUD, Sigmund (1900 – 1901). **A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1914 – 1916). **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GROLNICK, Simon A. **Winnicott o trabalho e o brinquedo**: uma leitura introdutória. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEWMAN, Alexander. **As idéias de D. W. Winnicott**: um guia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZAVARONI, D.M.L.; VIANA, T.C.; CELES, L.A.M. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 65 – 70, 2007.